

A RESTAURAÇÃO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO DE BOA VISTA-RR E A BUSCA PELA IDENTIDADE CATÓLICA

*Juliana Cristina Sousa da Silva*¹

*Luís Francisco Munaro*²

RESUMO

Este artigo trata do papel da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, situada no centro de Boa Vista-RR, enquanto espaço de pertencimento e identidade religiosa. Ele parte do pressuposto de que a igreja é um lugar que, dotado de ligação afetiva com os habitantes da cidade, se transforma num monumento das características que a cidade quer manter de si mesma. O artigo traz, em primeiro lugar, uma discussão teórica das relações umbilicais sobre memória e identidade para, em seguida, tratar da restauração da igreja pelos poderes públicos e do engajamento da comunidade religiosa na busca por suas tradições fundantes. O estudo foi realizado utilizando fotografias que dão conta do processo de restauração da igreja, reportagens da imprensa local e entrevistas com o padre Raimundo Vanthuy Neto e o administrador Frank Lima, ligados ao processo de reforma e manutenção da igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Memória. Identidade. Catolicismo. Boa Vista-RR

THE RESTORATION OF THE NOSSA SENHORA DO CARMO CHURCH IN BOA VISTA-RR AND THE SEARCH FOR A CATHOLIC IDENTITY

ABSTRACT

This article studies the role of the Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, located in the center of Boa Vista-RR, as a space of belonging and religious identity. It starts from the assumption that the church is a place that, endowed with an affective connection with the inhabitants of the city, becomes a monument of the characteristics that the city wants to keep of itself. The article first brings a theoretical discussion about umbilical relationships on identity and memory and then deals with the restoration of the church by public authorities and the engagement of the religious community in the search for its founding traditions. The study was carried out using photographs that tell the process of restoration of the local church, local press reports and interviews with Father Raimundo Vanthuy Neto and administrator Frank Lima, linked to the process of reform and maintenance of the Church.

KEYWORDS: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Memory. Identity. Catholicism. Boa Vista-RR

¹ Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Roraima. julianacsousasilva@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e docente do programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: luismunaro@ufrr.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo trata da memória, identidade e pertencimento coletivo, tomando como objeto de estudo a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, situada na parte central de Boa Vista-RR. Como uma das primeiras construções do município, ela encarna a trajetória da cidade, a instalação de poderes religiosos cristãos, um certo papel de educação local e, ao mesmo tempo, de manutenção das memórias da cidade e dos seus habitantes. Ao longo do século XX, sua função foi se transformando na mesma medida em que sua fisionomia era alterada para corresponder a determinadas expectativas dos clérigos e administradores. Até que, por fim, já no final do século XX e início do século XXI, realizou-se um trabalho coletivo de buscar as suas características originais através da restauração, para o que a comunidade acorreu fornecendo suas próprias memórias, sobretudo por meio de fotografias. O sentido de participação coletiva neste esforço para lembrar o passado é mais sintomático de uma identidade que se quer fortalecer do que, propriamente, da busca pela exatidão da memória. Tem-se, assim, aquilo que a primeira parte deste artigo caracterizará como uma metamemória, memória ostensivamente reivindicada, que guarda os traços de pertencimento que se quer preservar e em torno dos quais os membros da comunidade orbitam. Além disso, esta primeira parte do artigo trata os vínculos que se produzem entre identidade e memória e as formas como as memórias compõem identidades coletivas. Por fim, na segunda parte, o artigo explora as transformações na fisionomia da igreja, debate as fontes documentais disponíveis para o estudo da sua construção e busca entender como esses elementos repercutem na própria autopercepção da comunidade, quer dizer, na sua identidade coletiva religiosa.

2. NOTAS SOBRE A MEMÓRIA E A IDENTIDADE

A memória é comumente associada a uma faculdade humana responsável pela conservação do passado no presente, ou seja, ela se expressa através da lembrança de fatos, sujeitos e objetos dos acontecimentos a partir da ótica de agentes humanos situados no presente. Segundo Jacques Le Goff, como propriedade de conservar certas informações “ela remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 366). Só é possível fazer uma ligação do presente com o passado porque o homem guarda ou preserva na lembrança algo que resulta em vestígios que remetem a um conjunto de acontecimentos passados. Segundo o mesmo autor, a memória e a história possuem uma relação muito íntima e particular, “tal como o passado não é a

história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1990, p. 49). Assim, a memória pode ser utilizada como instrumento para reconstruir os fatos históricos a partir da forma como eventos são individualmente ressignificados. O passado depende parcialmente do presente, já que ele é constantemente reconstruído no presente através da memória. E quando ele é apreendido no presente, acaba respondendo aos interesses deste mesmo presente que o reconstrói, o que não é só inevitável como é legítimo.

Michael Pollak, estudando o mesmo assunto, deu destaque aos traços mutantes da memória, que surge como um conjunto de episódios vividos pessoalmente ou através de experiências grupais (POLLAK, 1992). O autor enfatiza que a memória é essencial na percepção de si e dos outros, ou seja, na construção da própria subjetividade e desta no meio social, confluindo para a elaboração de uma autoimagem. Ela acaba sendo constituída pelo resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência do indivíduo. E as memórias selecionadas, num processo constante de atração e repulsão, vão configurando o eixo narrativo do sujeito, dizendo quem ele é e o que ele não quer ser. Isto, por si só, já explica porque a memória e a identidade são um alvo ativo de disputa política, que se refere àquilo que os indivíduos lembram, àquilo que são e àquilo que vão fazer.

A transmissão social da memória ocorre pelos vários tipos de comunicação que nela se empregam e influenciam diretamente na organização das comunidades humanas. Segundo Peter Burke, as variáveis desses tipos de comunicação, onde a memória é inserida, podem ocorrer através de tradições orais, imagens, ações, espaço ou mesmo na esfera de ação do historiador. O autor aponta ainda que o historiador dentro desse contexto é “guardião da memória e dos acontecimentos públicos” (BURKE, 2011, p. 74). Nesta perspectiva, podemos afirmar que a memória contribui para que o homem atualize certas impressões ou informações passadas, “fazendo com que a história se eternize na consciência humana” (LE GOFF, 1990, p. 387). Outro autor que discorre ativamente sobre os vínculos entre memória e identidade, Joel Candau, sugere que a memória é uma faculdade do ser humano que se manifesta de acordo com características dos grupos, dos indivíduos e da sociedade. O autor distingue a memória a partir de três tipos, trazendo uma discussão mais particular sobre a diferença entre memória forte e fraca. O primeiro tipo, chamado de “protomemória” ou “memória de baixo nível”, seria a memória social incorporada, expressada através de gestos, de práticas e do uso da linguagem, sendo realizada, portanto, quase que automaticamente (CANDAU, 2011, p. 22). Esse tipo

de memória é a modalidade na qual se enquadram as experiências e saberes práticos do homem – e por isso, para Candau, está ligado ao conhecimento corporal –, que são compartilhados entre os indivíduos de uma sociedade. O segundo tipo de memória, denominada de “memória de alto nível” (ou apenas “memória”), refere-se à evocação ou recordação voluntária, evocando deliberadamente ou invocando involuntariamente lembranças autobiográficas que “[...] pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória” (CANDAU, 2011, p. 23). Esse tipo de memória estaria ligado diretamente à faculdade humana de lembrar do próprio passado, envolvendo, portanto, saberes, sensações e sentimentos individuais.

O terceiro tipo de memória, por sua vez, seria a chamada “metamemória”, relativa à representação que o indivíduo faz da sua memória, isto é, a memória relativa à construção da própria identidade: “é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva” (CANDAU, 2011, p. 23). A metamemória é o modo como cada indivíduo conduz a sua própria existência, pois é a forma como ele interpreta o seu passado, tornando-o diretriz para o seu presente e futuro. Estes três tipos de memória estão ligados, segundo Candau (2011), a uma expressão da memória individual, não podendo ser utilizados para uma explicação de acontecimentos vinculados à memória coletiva, pois, para ele, nenhuma sociedade é conduzida por uma natureza que lhe seja própria, não há uma natureza social. As sociedades são guiadas pelos indivíduos que as compõem, portanto, pelas representações que estes mesmos indivíduos fazem de si e dos outros, ainda que sempre inseridos dentro de um contexto coletivo. Outra importante contribuição que o autor trouxe para a discussão acerca da memória, na obra em questão, é a distinção entre memória forte e fraca. Candau define a memória forte como sendo uma “memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo é menor” (CANDAU, 2011, p. 44). A memória forte, portanto, é aquela que se mantém viva dentro de um grupo, dando sentido às suas ações e explicações de mundo. Por isso, esse tipo de memória seria mais facilmente encontrado em grupos pequenos, já que seria o conjunto de representações que seus indivíduos fazem de sua própria identidade. Já a memória fraca não apresentaria contornos bem definidos e mostraria a desestabilização do grupo, já que as representações individuais se mostram tão diversas que não conseguem formar uma unidade e um sentido para as ações e explicações de mundo desse mesmo grupo. Pode-se assim concluir que a distinção entre uma e outra reside no fato de que a memória forte se caracteriza por uma maior

capacidade de estruturação de grupos humanos, ou seja, por ser uma expressão mais profícua da identidade de um grupo.

Ao introduzir suas observações sobre memória coletiva e memória individual, Maurice Halbwachs sugere que “apelamos aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma” (HALBWACHS, 1990, p. 27). O autor argumenta que o pensamento coletivo comanda a sociedade através de uma “lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 1990, p. 61). Há, portanto, um cruzamento da percepção individual, daquilo que é subjetivamente recordado, e do ambiente coletivo, aquilo que é constantemente socializado, rememorado e incorporado no eixo subjetivo dos indivíduos integrantes de uma determinada comunidade. Segundo o autor, “são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo, [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 65). A memória assim muda conforme o lugar que o indivíduo imagina ocupar no interior do grupo, que pode ser uma comunidade física, próxima, ou uma comunidade ampla e apenas imaginada, como a comunidade nacional (lembrando a longa e profícua discussão promovida pelo Benedict Anderson, 1989).

A memória coletiva caracteriza-se por possuir uma natureza de coerção social sobre as memórias individuais, pois ela se refere às várias maneiras coletivas de pensar e de se lembrar. Todas essas maneiras são externas, já que existem fora do indivíduo, tendo em vista que eles só conseguem alcançá-las a partir de outros indivíduos com os quais se relaciona em sociedade. Em relação à memória individual, Halbwachs sugere que, ao invés de involucrada no sujeito, este “se reporta a pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 54). Portanto, mesmo a memória individual só pode ser compreendida a partir da memória coletiva, pois, para que elas se mantenham preservadas no espírito dos indivíduos, é essencial que estes permaneçam em contato com os outros de seu grupo, não perdendo, neste processo, a capacidade de pensar e de se lembrar como integrantes de uma coletividade.

Tanto a memória coletiva como a individual são ferramentas fundamentais para a construção da identidade de um indivíduo ou de um grupo. Atualmente, a palavra identidade foi preenchida com uma forte carga política e ideológica, passando a ser mais utilizada como uma forma de valorização de grupos sociais em seu processo de “requisição de visibilidade” do que propriamente como uma categoria analítica ou mesmo científica. De qualquer forma que se pense, a construção da identidade,

seja ela individual ou social, não é algo estático, possuindo comprovada plasticidade e mutabilidade. Sempre haverá algo de transitório e provisório nesta construção, fazendo com que a identidade se delimite ao mesmo tempo em que se reconstrua ao longo do tempo (HALL, 2001, p. 9). Se a identidade social possui como uma de suas características essa mutabilidade, acelerada durante a modernidade, podemos deduzir que as concepções acerca do sujeito podem igualmente mudar, afinal, elas dizem respeito a um momento específico ou a um contexto histórico em especial. No fim da Idade Moderna, houve um processo de fragmentação da identidade que, segundo Stuart Hall, pode ser explicada devido a uma série de rupturas nas formas sociais e culturais do Antigo Regime, fazendo com que o mundo ocidental, assim, passasse a sofrer uma espécie de crise identitária (HALL, 2001). Precisou-se, como uma das mais radicais realizações do projeto moderno, superar o passado e seus “mitos obscuros”, substituindo-os pela razão e pela clareza científica, quer dizer, pelas luzes e pelo progresso, situação mais do que bem ilustrada pela substituição dos feriados santos, na Paris revolucionária, pelo Calendário da Revolução Francesa.

As transformações da identidade e o processo de subjetivação compõem um processo de apropriação de memórias, por parte do indivíduo ou de um grupo, conferindo sentido à sua presença no mundo. Os traços de identidade estão, a despeito das constantes tentativas políticas de reconstruí-los de forma radical, fundamentalmente ancorados em tradições, solidariedades, laços comunitários, ou mesmo inseridos profundamente nas famílias, espaços religiosos, bairros, clubes etc. Ainda que a identidade possa ser considerada o resultado de um processo que está sempre em construção, por outro lado, os indivíduos humanos mantêm determinados aspectos de vida comunitária que, quando dissolvidos, aceleram o afrouxamento dos laços humanos e geram aquilo que Zygmunt Bauman caracterizou como “angústia”. Segundo esse autor, a raiz de toda a segurança necessária para a busca de um conceito de identidade mais amplo e menos fragmentado está na ideia de comunidade:

Os significados atrelados à palavra “comunidade” sempre remetem a alguma coisa boa. Um lugar seguro, quente e aconchegante. A sociedade pode ser má, mas a comunidade não. Viver em comunidade possibilita a experimentação de prazeres que não se encontram mais acessíveis. Todos estão seguros e têm a certeza de que estão livres de perigos ocultos. Todos se entendem bem, não há a preocupação decorrente da falta de confiança ou da surpresa. Na comunidade pode-se contar com a ajuda alheia sempre que for necessário. A única obrigação na vida comunitária é ajudar uns aos outros. Por fim, a comunidade é o tipo de mundo altamente desejável (BAUMAN, 2003, p. 9).

Embora desejável, conceber a comunidade como parâmetro de toda a vida social na modernidade líquida é, além de complexa, uma tarefa complicada. Naquilo que Bauman (2001)

denominou de "modernidade líquida" – e que avançou na segunda metade do século XX (depois da Segunda Guerra Mundial) –, teria começado a catalisar uma projeção política da identidade segundo a qual o humano é fluído como um texto, a razão é cambiante e moldável, e as ideias lockeanas da tábula rasa se misturam à percepção de que, sendo o homem um texto, seria possível mudá-lo simplesmente mudando os textos que estão ao seu redor e realocando as “posições de poder”, dissolvendo os “sistemas de privilégios” e estruturas da “sociedade burguesa”. Neste período de, por um lado, “desconstrucionismo” e, de outro, avanço do mercado de consumo como um final em si, os relacionamentos teriam se liquefeito, fazendo com que os "valores" se dissolvessem num isolamento individual ou em agrupamentos artificialmente construídos com fins políticos e cujos laços não conseguem caracterizar uma vida comunitária. A responsabilidade, recaída sobre o indivíduo, fomentaria, ainda segundo Bauman, a sensação de que aquele precisaria construir frequentemente a sua própria identidade, angustiando-se no processo ao perceber-se sozinho ou em agrupamentos liquefeitos. De forma semelhante ao que Zygmunt Bauman (2003) apresentou como sendo o espaço afetivo e seguro da comunidade, a geógrafa Aurora Ballesteros (1992), falando sobre o “lugar”, apresentou-o como um espaço repleto de valores e significados capazes de trazer segurança e conforto a quem o ocupa. Assim, no “lugar” ou na “comunidade”, os indivíduos se sentem mais próximos e seguros, compartilhando uma herança coletiva e firmando a sua identidade social. Ou seja, é no compartilhamento de memórias, mais especificamente de memórias fortes, que a segurança do grupo está calcada. Para a autora, o lugar é um

[...] centro de significados, condição da própria experiência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto para nossas ações e fonte de nossa identidade, o conceito de lugar se opõe ao geometrizado espaço abstrato do neopositivismo e, diferentemente deste, está cheio de significados, de valores, que são inseparáveis da experiência daqueles que o habitam, de seus pensamentos e sentimentos (BALLESTEROS, 1992, p. 12).

Ela constatou, em seus estudos na cidade espanhola de Segóvia, como a circulação pelo espaço urbano é intimamente moldada por uma percepção subjetiva do lugar, marca dos afetos, da busca pela segurança, que tornam “nuestro conocimiento del entorno espacial, la forma en que lo visualizamos y simbolizamos, consecuencia de nuestras experiencias en él y con él” (BALLESTEROS; SENDRA, 1989, p. 11). Apresenta-se, assim, uma ideia sintética sobre a identidade como um espaço de tensão subjetiva, moldada pelas memórias compartilhadas e fonte de constante autoescrutínio, mas, sobretudo, de busca pela segurança. Nossa tarefa, a partir deste pano de fundo teórico, é tentar perceber o papel de uma igreja, a mais antiga de Roraima, como um “lugar”, espaço da “comunidade”

religiosa, no interior da qual se mantém uma memória forte e se reivindica um determinado tipo de pertença identitária. Assim, visitaremos as discussões públicas que embasaram o tombamento da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo como Patrimônio Histórico e Cultural e a sua restauração, apresentando uma reflexão sobre este “lugar” cheio de memórias. Tentaremos vislumbrar como a comunidade tomou parte no processo de restauração da igreja para reavivar as suas próprias lembranças, abrigando-se neste espaço como uma espécie de repouso identitário.

3. A IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO ENQUANTO LUGAR DA COMUNIDADE

As fontes primárias através das quais estudaremos a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo como um espaço constitutivo da memória e identidade local são reportagens de jornais, imagens e entrevistas semiestruturadas. Para a apresentação da igreja, partimos do pressuposto de que cada sujeito é parte de um todo, ou seja, parte da sociedade e até mesmo do ambiente onde vive, articulado, portanto, com o “lugar”, o espaço mais próximo de suas representações e memórias. As várias igrejas católicas construídas no Brasil possuíram um papel tão estruturante quanto polêmico na vida cotidiana brasileira. No caso de Roraima, a construção da vida urbana está intimamente ligada à Igreja Católica, com forte influência mesmo entre as lideranças indígenas, embora a presença de outras igrejas cristãs tenha aumentado muito o seu campo de atuação no estado.

A história da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo se confunde com a história do cristianismo no Rio Branco, já que foi por meio de uma missão que um grupo de frades Carmelitas chegou ao Vale do Rio Branco em um lugar denominado de Nossa Senhora do Monte Carlo, em 1725. Essa missão se destinava a converter os povos indígenas da região. Após sua chegada, os frades construíram uma pequena capela de madeira em homenagem à Nossa Senhora do Carmo e deram início aos seus trabalhos eclesiais e missionários. Tempos depois, a comunidade da vila de Monte Carlo saiu deste local e fixou-se no lugar hoje conhecido como Boa Vista. Em 1856, os franciscanos chegaram nessa região, construíram uma capela maior para Nossa Senhora do Carmo e, dois anos depois, essa pequena capela ganhou o status de matriz e passou a ser reconhecida como Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo (ZOUERIN, 2021).

No ano de 1909, chegou à região a Ordem Religiosa dos Monges Beneditos, vindos do Rio de Janeiro para fundar a missão no Rio Branco. Após sua chegada, iniciaram os trabalhos em prol de uma grande reforma na igreja. Foi nesse momento que a Matriz de Nossa Senhora do Carmo foi

reconstruída, tendo como arquitetos e pintores os monges alemães beneditinos da Baviera, que deram à igreja as feições germânicas, como é localmente chamada, rendendo forte apelo cultural junto ao povo roraimense (esta foi a única igreja com estilo germânico construída na região amazônica).

Figura 1: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo na década de 1920



Fonte: Acervo particular de Paulina Onofre, 2020. Tamanho da fotografia: 6,8 x 10,16 cm.

Desde a sua criação, o espaço em torno da igreja não era somente usado para eventos religiosos, mas também como um lugar de encontros, festejos, comemorações, assim como servia para a recepção de políticos, ou seja, era um espaço que permitia ampla socialização da população local. Em maio de 1948, os monges beneditinos entregaram a Prelazia aos Missionários da Consolata de Turim (DIOCESE DE RORAIMA, 2021). Na década de 1960, com o aumento da população, a igreja já não atendia mais à demanda religiosa, levando seus administradores, os Missionários da Consolata – que tinham à frente o bispo-prelado Dom José Nepote –, a realizar uma nova reforma. Com isso, as características germânicas que os beneditinos trouxeram para a arquitetura da igreja na década de 1920 desapareceram completamente.

Figura 2: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo na década de 1960



Fonte: Acervo particular de Paulina Onofre, 2020. Tamanho da fotografia: 9,47 x 7,91.

Na década de 1980, houve uma alteração na aparência da Igreja Matriz, surgindo uma nova fachada, com uma possível “rosácea”, elemento arquitetônico ornamental muito usado em catedrais durante o período gótico. Também é possível notar a mudança em uma das janelas da parte da frente.

Figura 3: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo na década de 1980

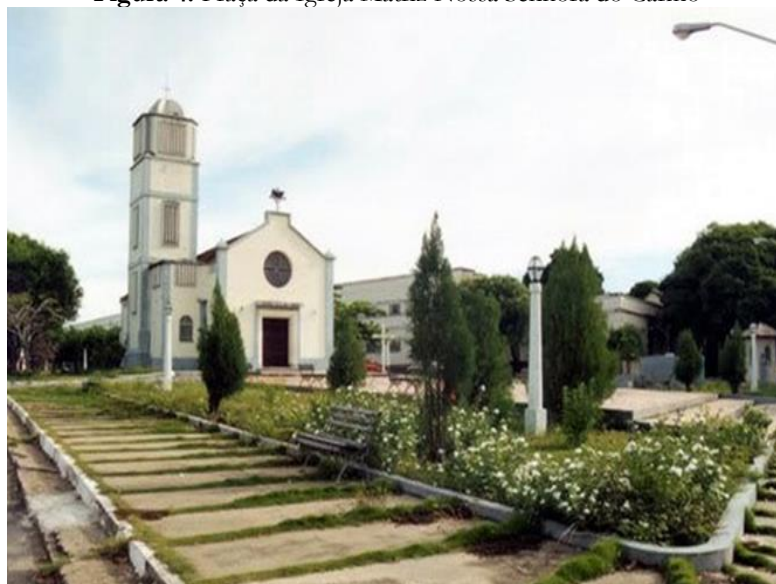


Fonte: Acervo particular de Paulina Onofre, 2020. Tamanho da fotografia: 6,93 x 9,93 cm.

Visando sua conservação e preservação, em 1993 a Prefeitura Municipal tombou a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo como patrimônio histórico e cultural do município de Boa Vista-RR. O tombamento consistiu em ato administrativo realizado pelo poder público municipal, sendo supervisionado pela Superintendência de Cultura do Município de Boa Vista com o auxílio da Superintendência Estadual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O objetivo desta união foi a preservação do patrimônio histórico, tendo em vista que o tombamento somente é aplicado aos bens materiais de interesse para a preservação da memória coletiva.

Quando a Igreja Matriz foi tombada como patrimônio histórico e cultural em 1990, ela apresentava as mesmas características físicas da fotografia anterior (Figura 3). No ano de 1993, a Prefeitura de Boa Vista criou um projeto denominado “Projeto Raízes”, a fim de restaurar, revitalizar e preservar os patrimônios arquitetônicos históricos e culturais da cidade. Em 1994, a Prefeitura Municipal restaurou e revitalizou vários prédios do conjunto arquitetônico do município, mediante o tombamento feito pela Prefeitura. As edificações ganharam novas cores, tornando seu visual mais atraente. Uma dessas edificações “restauradas” foi a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, sendo feita uma nova pintura, de acordo com a que já havia, além de construída a Praça da Matriz, que antes era um terreno baldio, conforme podemos notar na Figura 4. Dessa forma, a área em torno da igreja transformou-se em uma bonita praça com flores, bancos e iluminação.

Figura 4: Praça da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Acervo particular de Paulina Onofre, 2020. Tamanho da fotografia: 7,06 x 11,3 cm.

O projeto tinha como objetivos promover a restauração e conservação de edifícios e monumentos históricos, bem como revigorar as artes plásticas do município, que simbolizavam a cultura, não só boa-vistense, mas também roraimense.

O centro histórico de Boa Vista é atualmente considerado um espaço de características singulares por abrigar as construções que representam a história do município e do Estado de Roraima, na condição de núcleo original da cidade. Destarte, a Igreja Matriz está cercada de patrimônio histórico e cultural e é um espaço significativo para o povo roraimense, de grande valor simbólico por sua história ter começado nesta região. Ela é um ponto de encontro, passeio e turismo na cidade de Boa Vista, sendo a sua imagem constante nos álbuns de turistas.

Ao longo de sua existência, a Igreja Matriz não teve alterações apenas na sua estrutura física, enquanto bem arquitetônico, mas também na forma como os atores ligados a estas mudanças viam a sua importância social e religiosa, ou seja, enquanto bem cultural. Ela conta uma história e cria um vínculo com o passado, fazendo com que a população reflita sobre aquilo que construiu coletivamente e que se cristalizou no presente. A construção é, portanto, a materialização da memória do lugar, afinal, a identidade de um povo, ou de uma cidade, está ligada aos símbolos que ele possui, relacionando o presente às suas raízes e heranças culturais. Evidentemente, a destruição de qualquer bem que foi herdado das gerações passadas pode ocasionar um rompimento no processo de construção do conhecimento sobre a história de um lugar e de uma população, algo próximo daquilo que Pierra Nora (1993) denominou “ruptura de gerações”. O tombamento, por si mesmo, é o ato de tombar, ou seja, inventariar, arquivar, registrar coisas ou fatos relativos a uma especialidade ou região, para proteger, assegurar e garantir a sua existência por parte de algum poder. Pode-se perceber, por matéria da *Folha de Boa Vista* de 12 de setembro de 1990 (Figura 5) que houve, antes do tombamento da Igreja Matriz, uma preocupação da esfera pública em relação à importância de preservar este bem público que serve para referenciar a história, a memória e a identidade local. Havia a necessidade, portanto, de verificar que os tombamentos ocorressem de forma a promover a preservação e a restauração por fazerem esse papel social de referência à história e à cultura.

Figura 5: Roraima tem assegurado seu Patrimônio Histórico



Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, 12 de setembro de 1990, edição 0589, p. 08. Tamanho da fotografia: 17,54 x 18,65 cm.

O patrimônio histórico e cultural faz parte da identidade de uma sociedade por conter referência à sua memória, às suas características, costumes e comportamentos, além de ser um registro fundamental para as gerações futuras. Em 1993 foi criado, pela Prefeitura Municipal de Boa Vista, o Projeto Raízes, responsável pela reforma de monumentos e logradouros históricos da cidade. Uma das obras mais importantes que foi recuperada pela Prefeitura foi a Igreja Matriz, que passou por uma pequena reforma que não mudou e nem afetou a sua aparência na época, tornando-se um dos principais cartões postais de Boa Vista/RR. Em agosto do mesmo ano, foi realizada uma exposição que lembrou um pouco da história de Boa Vista. A exposição teve o intuito de ampliar o conhecimento dos estudantes das redes estadual e municipal de ensino sobre o tema. Nela foram apresentados os prédios antigos e documentos históricos do município, fazendo uma viagem ao passado, mais precisamente ao século XIX, conforme a reportagem abaixo (Figura 6).

Figura 6: Exposição relembra história de BV



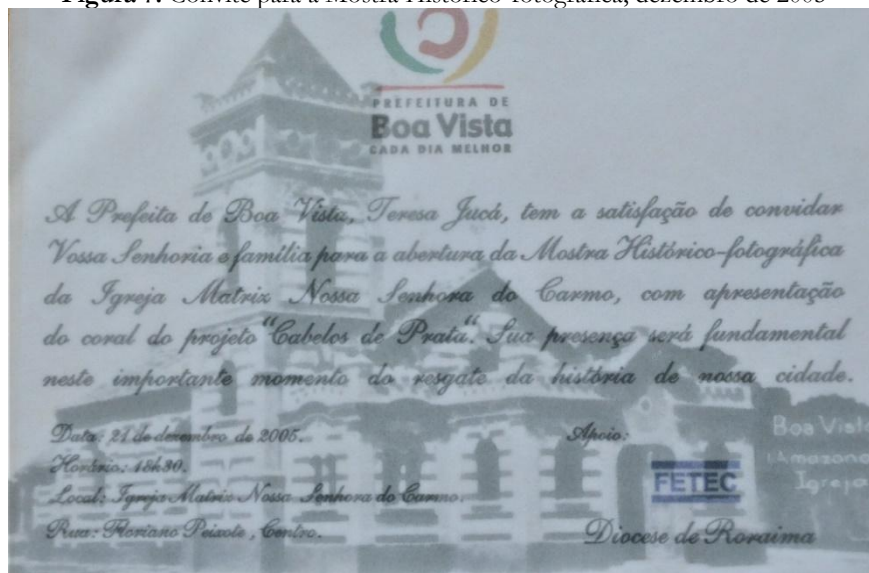
Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, 12 de agosto de 1994, edição 1417, p. 06. Tamanho da fotografia: 7,38 x 11,29 cm.

Uma série de reportagens seguiu nesta mesma direção evocando as memórias da igreja, caracterizando, por assim dizer, uma memória ostensivamente reivindicada, aquilo que Joel Candau chamaria de metamemória (uma memória forte, já que estava nítida a sua lembrança no imaginário da população local, sobretudo aquela mais antiga e próxima do centro da cidade). Quer dizer, a Igreja Matriz estava construída no centro da cidade, e ao redor dela a cidade foi erguida a partir de uma antiga capela franciscana, ainda no século XVII, e até meados do século XX podia-se dizer que ordenava a vida social e política local. A importância da igreja para a manutenção de uma vida comunitária é atestada por uma série de imagens de época que a mostram como destino de procissões e passeatas militares. Tendo, contudo, a igreja perdido o seu lugar de núcleo moral da cidade conforme o estado cresceu, os poderes públicos e membros da comunidade local trataram de manter a sua memória acesa, quer dizer, trataram de fortalecer a “memória forte” na qual a igreja continuava repercutindo um papel social de construção da vila. O papel dos clérigos da igreja, no início do século XX, todos eles beneditinos, não era apenas de guias religiosos, mas também de guias intelectuais, o que ficou bastante nítido através da publicação de um jornal, pela prelazia, chamado de “Jornal do Rio Branco” (MUNARO; ZOUÉIN, 2017). Este jornal era impresso numa máquina de tipos no interior da própria Igreja Matriz e lembra também o “papel civilizatório” autoconcedido pelo jornalismo de produzir

costumes mais ou menos coesos em torno do projeto moderno e do fortalecimento da classe média de leitores (MUNARO, 2013).

Entre os anos de 2005 e 2007, iniciou-se mais uma restauração, dessa vez com o objetivo de reavivar as características germânicas da década de 1920. Esta restauração da igreja é emblemática de uma memória que se quer fortalecer e que remete ao nascimento da cidade associada ao papel moral e intelectual dos clérigos católicos. A primeira fase do projeto de restauração foi iniciada em novembro de 2005, com a retirada do forro, da mobília e de algumas janelas. Em agosto de 1994, foi realizada uma exposição no Museu Integrado de Roraima para relembrar a história de Boa Vista, contando um pouco das obras do conjunto arquitetônico da cidade que sofreram reformas e restaurações no decorrer do tempo. Onze anos depois, em 2005, foi realizada uma Mostra Histórico-Fotográfica promovida pela Prefeitura, através da Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista (FETEC), contando a história da primeira igreja construída em Roraima.

Figura 7: Convite para a Mostra Histórico-fotográfica, dezembro de 2005



Fonte: Acervo da Diocese de Roraima, 2022. Tamanho da fotografia: 7,53 x 11,52 cm.

O acervo contou com cerca de 40 fotografias que foram disponibilizadas pela Diocese de Roraima e por integrantes da comunidade religiosa. Na ocasião, também houve a exposição de textos contando a história do surgimento da igreja e algumas peças de mobiliário antigo. A primeira meta da restauração foi a de devolver a parte frontal da igreja, como o átrio, onde eram realizados os batizados, que foi destruído na reforma feita na década de 1960, além do tamanho original das torres, a recuperação da parte elétrica e hidráulica etc. Também houve o cuidado em descobrir se ainda existia

alguma cor original nas paredes por baixo da camada de tinta azul. Em matéria da *Folha de Boa Vista*, o Padre Vanthuy, que acompanhou diversas transformações no cenário religioso da cidade, contou que a cada etapa realizada foram feitas novas descobertas, como por exemplo, a pintura original do teto. Ele comentou ainda que tal recuperação arquitetônica permitiria que a população de Roraima conhecesse a sua história, inclusive de como iniciou a construção de Boa Vista (*Folha de Boa Vista*, 20 de dezembro de 2005). No ano de 2006, uma campanha foi realizada junto à comunidade boa-vistense para arrecadar recursos para o Projeto de Restauração da Igreja Matriz.

A despeito de ter sido um conjunto de reformas construídas a partir dos poderes públicos, ela incorporou uma grande participação da comunidade, já que sua evocação remetia a um lugar de pertencimento. Isto pode ser visto, por exemplo, nos eventos de arrecadação de fundos para a restauração, como no caso de um chá beneficente em prol da Igreja Matriz realizado em 8 de março de 2006. O local da realização foi o Hotel Aipana, com o tema “Da Mulher da História às Mulheres que Fazem História”. A arrecadação era para que fossem realizadas restaurações das imagens que representam a via-sacra na Igreja Matriz, constando que tal restauração já havia sido iniciada pelo artista plástico Augusto Cardoso (*Folha de Boa Vista*, 07 de março de 2006). Conforme matéria da *Folha de Boa Vista*, o chá arrecadou fundos para a restauração de algumas imagens da via-sacra da Matriz que o artista plástico roraimense Augusto Cardoso estava recuperando (Figura 8).

Figura 8: Parte de dentro do folheto com uma pintura da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo feita por Augusto Cardoso



Fonte: Acervo da Diocese de Roraima, 2022. Tamanho da fotografia: 8,34 x 11,12 cm.

Com a restauração da igreja em andamento, foram sendo reveladas as suas formas e dimensões antigas como as da sacristia e a da torre. A pintura foi escolhida com base nas pesquisas históricas e pelas cores descobertas durante a reforma, para que fosse a mais próxima possível da original. O motivo alegado para a restauração da Igreja Matriz foi o fato dela ter sido a única no país a ser construída originalmente pelos padres beneditinos. Estudando as matérias jornalísticas, é possível perceber indícios de sua importância para a comunidade religiosa local, que via no monumento uma espécie de fortalecimento de sua memória e identidade coletiva, bem como o signo de seu pertencimento a uma região com marcas bastante características.

A igreja restaurada foi entregue no aniversário de 117 anos de Boa Vista, depois de dois anos de trabalho, com a inauguração realizada pelo Prefeito Iradilson Sampaio. A obra teve como coordenador o arquiteto Ariosto Andrade, sendo que todo o levantamento histórico, fotográfico e documental foi feito pelo Padre Vanthuy Neto e pelo administrador Frank Lima. No dia da inauguração da igreja, em 9 de julho de 2007, foi feita a primeira missa depois da restauração, realizada pelo bispo Dom Roque Paloschi. Sobre a importância do trabalho de reforma, o Padre Vanthuy comentou que:

A sociedade em geral tem uma tendência em não valorizar a sua história e isso não é muito bom, pois se perdem as raízes. Mas em Roraima temos muitas pessoas preocupadas em resgatar a história e a restauração da Matriz foi um grande exemplo disso. As pessoas mais velhas chegam aqui e ficam encantadas em poder apreciar a mesma igreja, a arquitetura, os móveis, tudo está como antes (*Jornal Folha de Boa Vista*, julho de 2007, p. 07)

E o que o padre Vanthuy, que esteve à frente da restauração, queria dizer com “valorizar a história”, “perder raízes” e “resgatar a história”, ao mesmo tempo, reconhecendo que “a sociedade em geral tem uma tendência em não valorizar a sua história”? Será que o seu apelo apenas advém da cabeça de um homem culto e empedernido na sua função religiosa ou, mais do que isto, repercute um anseio orgânico da comunidade religiosa pelo seu passado, pelo seu espaço de acolhimento, o que refletiria os “pequenos pelotões voluntários” de que fala Roger Scruton (2015). Fica evidente que houve ativa preocupação política e intelectual com esta construção. Não obstante, como a comunidade participou e engajou-se organicamente, buscando, pelo fortalecimento de suas memórias, reforçar os seus vínculos comunitários? A restauração parece ter engajado os poderes públicos e participantes antigos da igreja, intimamente vinculados, por meio de suas memórias, àquele espaço. Evidentemente, foram os frequentadores mais antigos da igreja aqueles que mais se preocuparam com ela, principalmente em preservar sua história, fornecendo o seu estoque de lembranças. A restauração mostrou uma

preocupação para com os monumentos que fazem parte da história de Boa Vista, bem como vinculou o presente com o passado através da memória encarnada no monumento. A comunidade religiosa tomou parte no fortalecimento de sua memória, seja com informações e fotografias para a restauração da sua aparência física, seja na colaboração dos eventos beneficentes que arrecadaram recursos financeiros para outros itens não contemplados no projeto de restauração.

Pudemos perceber este vínculo comunitário com o lugar nas entrevistas fornecidas pelo Padre Raimundo Vanthuy Neto e pelo administrador da igreja Frank Lima. O objetivo delas foi identificar mais cuidadosamente os indícios da memória forte das pessoas, da formação de uma metamemória ostensivamente reivindicada e da idealização de uma identidade na qual a igreja cumpre um papel social central; mas, sobretudo, a participação espontânea que intui a própria lógica da comunidade. Quer dizer, houve participação comunitária ou houve apenas uma iniciativa “de cima para baixo”, buscando recuperar o poder cambiante de uma igreja em processo de disputa com outras formas de religiosidade?

O Padre Vanthuy é nordestino e imigrante, chegou em Roraima acompanhado de seus pais em 1987, estudou em escolas do ensino público e cursou Filosofia e Teologia na Universidade Católica de Brasília, onde também fez mestrado na área da missão. É padre diocesano da Igreja Católica de Boa Vista/RR e possui 21 anos de sacerdócio, prestando serviços missionários em Manaus e na França. A partir do momento em que o padre Vanthuy assumiu como responsável pela igreja, iniciou um diálogo com a sua comunidade a respeito desse desejo de devolver a ela seus aspectos germânicos. Segundo alega o padre, a preocupação partiu dos próprios frequentadores. Além disso, com a sua chegada, uma rede de pessoas que tinha influência política, cultural e econômica começou a se formar ao seu redor, justamente pelo diálogo direto que o padre procurava manter com seus diocesanos. Portanto, esses fatores facilitaram o desenvolvimento do projeto da restauração, haja vista a capacidade de articulação construída através desta rede de apoio.

Como também observamos nas reportagens analisadas da *Folha de Boa Vista*, o primeiro trabalho da restauração foi coletar o maior número de fotografias e informações a respeito da Igreja Matriz, de modo a conhecer melhor o seu aspecto arquitetônico antes das reformas da década de 1960. O encarregado em coletar as fotografias e que fez todo o estudo delas, auxiliando e trabalhando em conjunto com o Padre Vanthuy, foi Frank Lima. Este é natural de Boa Vista, tem 39 anos, e na época da restauração da Igreja Matriz foi chamado pelo Padre Vanthuy para integrar a equipe de pesquisa. Ele ajudou na coleta e organização das fotografias, na elaboração dos projetos e em outras questões

mais burocráticas, bem como nas questões administrativas da restauração. Ao registrar em entrevista as suas memórias, o Padre Raimundo Vanthuy Neto (2021) lembra que, sobre a restauração da Igreja:

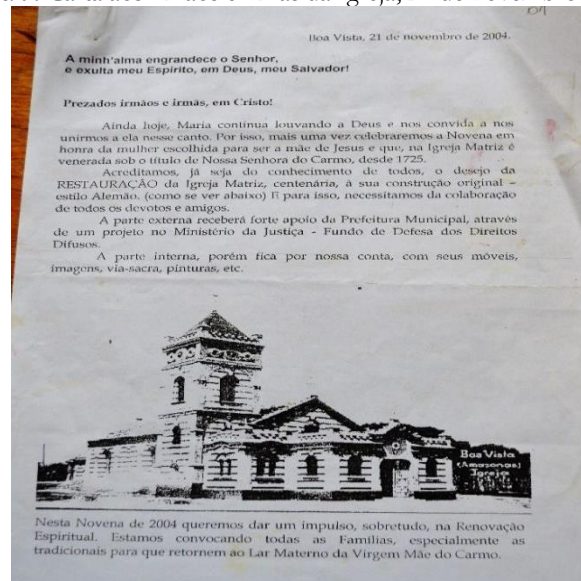
[...] em 2004 fui colocado como responsável pela Paróquia da Catedral e pela Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo e no ano anterior já tinha iniciado um processo de resgate das peças antigas da Igreja, primeiro através de uma irmã chamada Paula Helena, que desejou trazer os antigos bancos da matriz que estavam na Igreja de São Pedro, foi o primeiro trabalho de resgate, daí quando eu entrei começou um diálogo com a comunidade e apareceu a Deputada Maria Helena Veronese que se interessou e acabou entrando com um processo em Brasília, no IPHAN, dentro do Ministério da Justiça para fundos perdidos e foi aí que se conseguiu o dinheiro para as duas etapas da restauração.

Estes elementos são confirmados por Frank Lima (2021) na sua respectiva entrevista:

A notícia da restauração da Igreja chegou à ex-deputada federal Maria Helena Veronese através de uma missa na Igreja Matriz, [...] ela que é frequentadora da comunidade [...], as pessoas automaticamente foram se sensibilizando com o movimento para a restauração da Igreja, porque viram que era algo realmente extraordinário, e ao mesmo tempo queriam fazer parte disso também.

Houve, portanto, uma conjunção de fatores que envolveram a intervenção política de uma frequentadora importante da comunidade local e a mobilização de seus usuários mais antigos. Conforme podemos notar na Figura 9, o padre Vanthuy escreveu uma carta, que provavelmente foi parte dos avisos de uma de suas missas para os membros da igreja, contando um pouco mais sobre a restauração da Matriz.

Figura 9: Carta aos irmãos e irmãs da Igreja, 21 de novembro de 2004



Fonte: Acervo da Diocese de Roraima, 2022. Tamanho da fotografia: 9,64 x 7,7 cm.

Com a divulgação da restauração da Igreja Matriz, a comunidade católica apresentou-se para auxiliar através do fornecimento de suas próprias memórias. Na verdade, um dos motivos para a realização da restauração da igreja foi a vontade da população em vê-la com as características que mais marcaram a sua história. Segundo Frank Lima (2021):

Sem dúvidas a vontade de vê-la restaurada partiu da comunidade, porque a própria comunidade é cativa da igreja e frequenta ela já desde muito cedo. Tem pessoas que viveram a infância, a adolescência, a juventude, tudo ao redor da igreja, então, viram todo o processo de transformação dela. E já havia uma necessidade de reforma e, ao mesmo tempo, ao consultar como que era a igreja e como que poderia fazer isso, o próprio resgate histórico veio como uma alternativa, além do próprio prédio ser um prédio histórico, de fazer parte não só da história da igreja, mas como a própria história da cidade.

Nota-se, nas falas do administrador, indícios relevantes sobre o espírito de comunidade, nesse caso, a comunidade católica, que se envolveu diretamente no trabalho da restauração. Exemplo disso foram as primeiras etapas do processo, em que foi necessário recolher o maior número de fotografias da igreja para saber como ela era no tempo dos beneditinos. Ainda de acordo com Frank Lima (2021):

As pessoas iam para a missa de domingo e deixavam no envelope as fotografias que elas tinham, e aí o combinado era, pegava as fotos no domingo e digitalizava, aí depois na próxima missa devolvia para a pessoa. E teve pessoas que deixaram as fotografias, falavam que preferiam que elas ficassem arquivadas na igreja. E depois não precisávamos mais pedir as fotografias, as próprias pessoas vasculhavam seus arquivos e imediatamente traziam para a igreja.

Essa participação da comunidade católica, ao entregar as próprias fotografias que tinham da igreja, foi marcante para o fortalecimento desta identidade coletiva, haja vista que as pessoas se sentiam parte de um todo doando suas “lembranças” (suas memórias). Essa construção coletiva da identidade social se aproxima do conceito de “lugar” a que remete Aurora Ballesteros (1992), ou então do espaço subjetivo descrito pela mesma autora, presente na forma como cada indivíduo vivencia o espaço e o hierarquiza a partir de suas próprias lembranças. Assim, quando a população foi convidada a participar, carregando consigo a responsabilidade sobre as decisões que poderão ser tomadas ao longo do tempo, um ideal comum as move, formando relações sociais que estão acima dos indivíduos, mas que, ao mesmo tempo, fazem parte do próprio indivíduo à medida em que ele se sente integrante desta coletividade. Essa aproximação que a população teve com a restauração da Igreja proporcionou a criação de um vínculo afetivo, importante para que ela continuasse a tarefa de preservação do seu “lugar”.

Na Figura 10, podemos ver uma fotografia da Igreja Matriz, ainda em preto e branco, que foi entregue por um dos membros da igreja. Segundo o Padre Vanthuy, não foi possível identificar quem entregou a fotografia e nem mesmo o seu ano no momento da classificação das imagens, mas podemos notar que se trata de uma fotografia muito antiga e que retrata a igreja ainda com seu estilo germânico, portanto, anterior ao período das reformas da década de 1960.

Figura 10: Foto entregue à igreja por um membro da comunidade



Fonte: Acervo da Diocese de Roraima, 2022. Tamanho da fotografia: 8,38 x 11 cm.

Graças à mobilização da comunidade em entregar suas fotografias foi possível verificar como a igreja realmente era, de modo que a equipe do Padre Vanthuy e seu auxiliar, Frank Lima, puderam reconstituir os seus traços. Tanto a fotografia como a tradição oral dos membros da igreja foram utilizadas como instrumentos para esta reconstituição, a fim de se apresentar um panorama histórico do “lugar”, buscando servir de base para as ressignificações individuais e coletivas da comunidade. Como constatado pelo padre Vanthuy,

Criou-se um diálogo muito grande entre Igreja e sociedade, que são os responsáveis em manter o patrimônio, em manter a beleza daquilo que era original. Muita gente se envolveu nesse processo, como por exemplo, grupos de médicos, engenheiros, os alunos da Universidade Federal dos cursos de arquitetura e engenharia que foram fazer visitas no prédio. Também houve interesse externo, de fora, foi feita uma publicação em outro estado sobre a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo e o processo de restauração. Então, para lembrar que foi um processo bem educativo, não foi só a Igreja que quis restaurar não, isso se tornou um processo educativo de modo especial para uma sociedade que guarda pouco de sua história, como Roraima (VANTHUY, 2021).

A partir dos elementos de memória deixados pela comunidade no espaço da igreja, padre Vanthuy e o administrador Frank Lima montaram uma estratégia para angariar recursos e viabilizar a restauração de seu monumento. De acordo com Frank Lima:

A gente começou pela comunidade e a própria comunidade foi indicando pessoas que ficaram sabendo que tinham interesse de conhecer a história, de querer ajudar e a gente levava e mostrava através das imagens coletadas a partir de fotos, a partir de textos também, da história da Igreja e da própria cidade. Veio aí essa adesão de quem realmente se sentiu sensibilizado ao ver esse processo e a ideia de restauração da Igreja no modelo do período dos beneditinos (2021).

A mobilização comunitária começou a se fortalecer a partir do trabalho de sensibilização realizado pelo Padre Vanthuy e pela comissão responsável pela restauração. Além disso, foram realizados alguns eventos com o objetivo de arrecadar fundos para a recuperação e restauração de alguns elementos e peças sacras da igreja. Pode-se assim dizer que a patrimonialização da Igreja Matriz remete aos laços afetivos da população com o seu lugar de pertencimento. A população, principalmente a católica, se identificava, segundo os entrevistados, com cada um de seus elementos, pois reconhecia que aquele período foi muito significativo, tanto para a igreja como para a história de Boa Vista. Portanto, para preservar a memória social associada à Igreja Matriz, foi necessário o seu tombamento, bem como sua restauração, pois, com essa mudança, foi possível garantir um testemunho, não apenas de seu valor arquitetônico, mas também de seus valores culturais e simbólicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A restauração da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo foi favorecida pelo sentimento de coletividade que tomou a população ao entregar suas “lembranças”. Esse espírito de comunidade é importante para uma reflexão sobre identidade católica em Boa Vista/RR, já que se percebe os laços que a população encontrou ao buscar essas memórias, ao atribuir àquele espaço religioso uma conotação de “lugar”, íntegro de experiências vivenciadas, de memórias e histórias construídas. Afinal, aquele lugar simbolizava, para alguns, o encontro com o divino, para outros, a celebração de momentos significativos (batismo, comunhão, crisma, casamento etc.), ou ainda o reencontro com amigos ou velhos conhecidos.

A Igreja Matriz divide cada vez mais o seu espaço de religiosidade com o papel de servir como testemunho histórico, ela é um patrimônio que demonstra o interesse da comunidade frequentadora em recuperar esse passado e torná-lo ativo, demonstrando também, assim, uma força para a valorização da igreja enquanto marco territorial, cultural e histórico situado no espaço público. Quando optamos

por preservar o patrimônio, optamos por preservar toda uma memória e, portanto, toda uma cultura. A Igreja Matriz não só simboliza a religiosidade, mas também restaura e conta a história do município através de suas paredes, provando que a união da fé e da comunidade transcende a barreira do espaço e do tempo.

As matérias da década de 1990 que dizem respeito ao tombamento da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo mostram um pouco da preocupação da esfera pública em preservar esse bem importante para a população. Com o tombamento, houve uma valorização e a preservação da memória da comunidade, pois são as comunidades que deixam marcas no espaço onde vivem e que acabam materializando suas histórias individuais e coletivas no “lugar” onde suas memórias são preservadas e ressignificadas. São nesses lugares que estão as marcas do tempo, trazendo os sinais peculiares do modo de ver e viver de uma população que habita ou habitou esse lugar. A Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo concentra sentidos, tradições e costumes da comunidade católica, auxiliando os indivíduos na construção de suas histórias pessoais, fomentando, deste modo, traços mais sólidos para o fortalecimento de uma identidade coletiva.

A preservação da Igreja Matriz não se limita só ao patrimônio, englobando também toda a identidade social boa-vistense, pois compreender a importância de sua edificação, não só como um local religioso ou como sendo uma das construções mais antigas da cidade, é uma forma de perceber a identidade social da população que ali viveu e ainda vive. É importante pensar o tombamento da Igreja Matriz como forma de zelo pela imagem urbana e social da cidade, pelo seu passado, presente e futuro. A divulgação do tombamento da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo no jornal foi importante para que a população, principalmente aquela parcela que não conhecia sua história, pudesse olhar a igreja e sua edificação de uma forma mais afetiva, percebendo sua importância para o município e o estado. Afinal, a forma como a Igreja Matriz foi construída carrega os traços do passado da população deste “lugar”, precisando ser conservada e preservada, de modo a manter coesa a comunidade.

Podemos concluir, desta expedição em torno da Igreja Matriz, que esta desempenhou, desde a sua criação, um papel importante dentro da comunidade católica. A motivação de seu tombamento e sua restauração são indícios de uma comunidade engajada não só em restaurar o equilíbrio da fé, mas também em preservar sua história. Este lugar de encontros e significações foi acrescentando novos significados com o passar do tempo, sua apropriação e identificação é resultado de uma sociedade que buscou reconhecer e comunicar sua história. Com o empenho coletivo de restauração, pode-se dizer

que a sociedade local firmou um elo com o seu passado, contribuindo com a cultura da cidade e potencializando vínculos identitários importantes.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BALLESTEROS, G.A. **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-tau, 1992.
- BALLESTEROS, G. A.; SENDRA, J. B. **El Espacio Subjetivo de Segovia**. Madrid, Editorial Universidad Complutense, 1989.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BURKE, P. **Variedades de história cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- DIOCESE DE RORAIMA. **O centenário da igreja de Roraima**. Disponível em: <https://diocesederoraima.org.br/index.php/diocese-2/historia> . Acesso em: 20 de março de 2021.
- DIOCESE DE RORAIMA. **Acervo da Diocese de Roraima**. Fotos de documentos diversos da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, 2022.
- Folha de Boa Vista**. Boa Vista: Editora da Folha, 12 de setembro de 1990.
- Folha de Boa Vista**. Boa Vista: Editora da Folha, 12 de agosto de 1994.
- Folha de Boa Vista**. Boa Vista: Editora da Folha, 20 de dezembro de 2005.
- Folha de Boa Vista**. Boa Vista: Editora da Folha, 07 de março de 2006.
- Folha de Boa Vista**. Boa Vista: Editora da Folha, 09 de julho de 2007.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. São Paulo: Editora DP&A, 2001..
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LIMA, F. **Entrevista concedida à Juliana Sousa em 4 de dezembro, 2021**/Áudio, 42min. Boa Vista, 2021.

MUNARO, L. F. **O Jornalismo português em Londres: Retrato de um tempo e de uma profissão**. 1. ed. Rio de Janeiro: Publit, 2013.

MUNARO, L. F.; ZOUÉIN, M. Os jornais do rio branco e o projeto de civilização na vila de Boa Vista. In: **Rios de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia**. MUNARO, L. F. (Org), Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista de História da PUC-SP**. São Paulo, 1993.

ONOFRE, P. **Acervo de Paulina Onofre**. Fotos diversas da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, J. C. S. **A Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo como espaço de memória da religiosidade católica em Boa Vista/RR**. Dissertação. Mestrado em Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2022.

VANTHUY NETO, R. **Entrevista concedida à Juliana Sousa em 8 de novembro, 2021**/Áudio, 01h12. Boa Vista, 2021.

ZOUÉIN, M. **Entrevista ao Programa Fala Macuxí do Gshow Roraima**, no dia 8 de fevereiro de 2021. Disponível em: https://gshow.globo.com/google/amp/Rede-Amazonica/fala-macuxi/playlist/o-fala-macuxi-te-leva-para-um-passeio-historico-em-boa-vista-rr.ghtml?twitter_impression=true. Acesso em: 2 abr. 2021.

Data de submissão: 04/05/2022

Data de aprovação: 25/05/2022